

Unidos contra a esmola

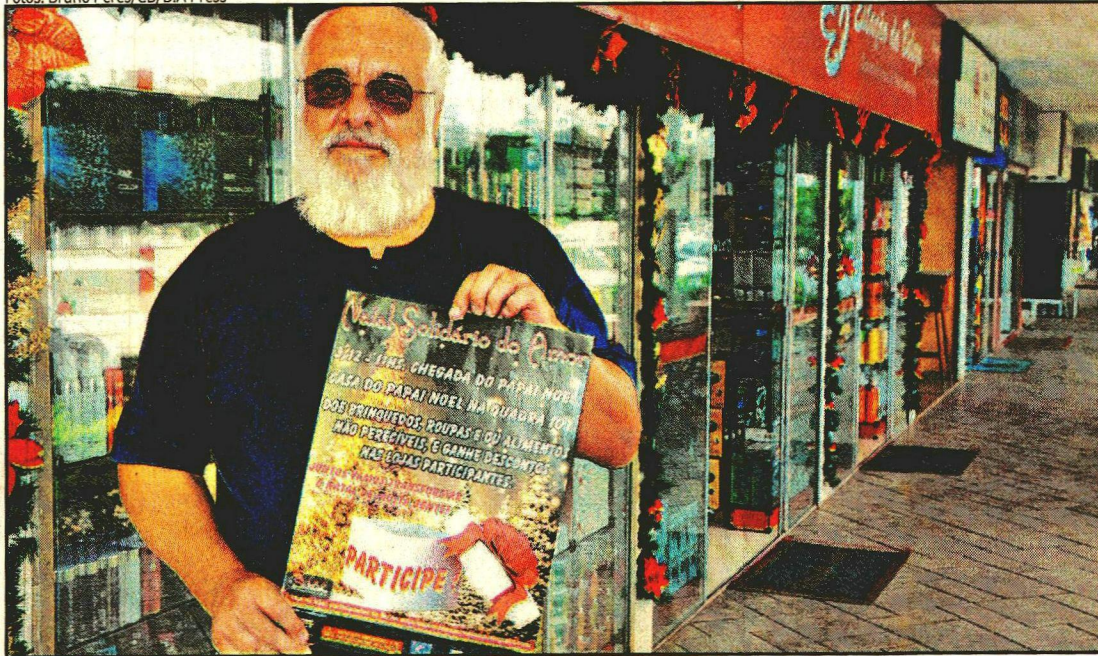
» ROBERTA MACHADO
» ADRIANA BERNARDES
» MANOELA ALCÂNTARA

Moradores e representantes comunitários de outros bairros apoiam a iniciativa do Setor Sudoeste de incentivar pessoas a eliminar o hábito de dar dinheiro a pedintes. Na tentativa de conter o aumento da população de rua, a região nobre intensificou a campanha "Dê oportunidades, não dê esmolas". A ideia, que já havia causado polêmica em junho com a distribuição de cartazes, reiniciou o debate sobre o tema nas últimas semanas.

Embora a controvérsia tenha vindo à tona apenas nos últimos meses, o presidente do Conselho Comunitário do Sudoeste, Elber Barbosa, ressalta que procura conscientizar os moradores há 11 anos. "Outrora tínhamos moradores de rua que necessitavam de ajuda, hoje a maior parte é profissional. Eles nos constrangem colocando a cara dentro do nosso carro ou até usam o disfarce de mendigo para traficar drogas", criticou o representante.

Segundo Elber, a polícia frequentemente flagra vários criminosos que intimidam moradores a dar dinheiro e até mesmo alugam pontos de mendicância para terceiros. "Os que não são bandidos

Fotos: Bruno Peres/CB/D.A Press



Líder comunitário do Sudoeste, Elber Barbosa tenta conscientizar os moradores a não dar esmola

são encaminhados para albergues e igrejas, que tentam fazer com que o cidadão seja acolhido. Mas nem sempre o espaço é adequado", explicou o presidente do conselho. Ele ressalta que as prefeituras e o conselho também se unem para realizar trabalhos de doações em instituições carentes e lançaram uma campanha para recolher donativos neste Natal.

A presidente do outro Conselho Comunitário do Setor Sudoeste,

fundado em 1996, Christiane Barbosa, também pretende lançar uma iniciativa semelhante este mês. A proposta é conscientizar a população a não dar esmola, e também busca diminuir os sequestros e os assaltos no Sudoeste. "Temos o apoio das polícias Militar e Civil, e da Administração do Sudoeste. Queremos fortalecer a segurança na cidade, principalmente no Natal, que é o período mais crítico", afirmou a presidente.

Outros bairros

No Guará, os líderes comunitários também pretendem lançar, na próxima semana, uma campanha para pedir o fim da esmola. A comunidade estuda adotar medidas para reduzir o número de mendigos que já tomam conta de pontos da cidades, como as paradas de ônibus e as proximidades da Igreja São Paulo Apóstolo, na QE 7 do Guará I. "Já participei da conscien-

tização dessas pessoas. Tirá-los da rua é um trabalho difícil. O primeiro passo é não dar esmola", afirma o prefeito comunitário do Guará, Laurindo Gomes Mesquita.

A campanha do conselho do Sudoeste também é aprovada pelo presidente do Conselho de Segurança Comunitária de Brasília, que inclui, além do Plano Piloto, a Vila Planalto, a Vila Telebrasil e a Granja do Torto. Mas a entidade prefere trabalhar com a Secretaria de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda (Sedest). "Sempre que a situação começa a incomodar, acionamos a Sedest e, em no máximo uma semana, eles fazem a abordagem dos moradores de rua. O problema é que não existe uma política pública para essa parcela da população e eles acabam voltando", lamenta o presidente do conselho, Saulo Santiago.

A presidente do Conselho Comunitário da Asa Sul, Eliete Ribeiro Bastos, acredita que a campanha é válida, mas considera que a iniciativa pode ser mal interpretada. "Aos olhos da opinião pública, aparece como uma questão da elite que não quer se envolver na questão. E não é por aí, é um problema social", opinou. "A dificuldade que temos é que o brasileiro tem um coração generoso. Mas a esmola minimiza o problema, não resolve."

Hábito de ajudar

Mesmo com o apoio de moradores de outras regiões, alguns habitantes do Sudoeste continuam resistentes à ideia da extinção da esmola. A professora Scheyla Brito, 43 anos, tem o costume de ajudar moradores de rua com dinheiro, e garante que deve manter o hábito. "Não concordo com isso. Sou cristã e acho que temos de ajudar quem precisa", ressaltou. Para ela, a campanha não é eficiente na resolução do problema. "Isso é hipocrisia. Se os mendigos dormissem nas cidades satélites, ninguém ligaria."

A assistente social Maria Lúcia Lopes, doutora em Política Social, ressalta que esse tipo de campanha já foi feita em vários lugares do Brasil. "Compreendo que desenvolvam um trabalho para eliminar as fontes de atração da rua, sobretudo os que usam crianças. A esmola expõe o cidadão a uma situação vexatória e não resolve o problema", explicou a especialista.

Porém, para Maria Lúcia, condenar quem decide colaborar com os moradores de rua não é a melhor solução para eliminar a tradição da esmola. Segundo ela, campanhas como essa deveriam educar a população sobre os motivos que levam pessoas a morar na rua, além de ter o respaldo de políticas sociais que garantissem aos pedintes direitos como educação, saúde e moradia. "Desenvolvemos diversas formas de solidariedade, por questão religiosa, coação ou diferentes motivações. O cidadão tem o direito de ser como é, de acordo com os seus valores", ressaltou.

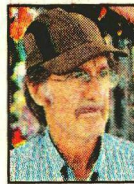
>>> O povo fala

Você concorda com a campanha contra a esmola no Setor Sudoeste?



Zenália Moreira de Souza,
70 anos,
aposentada,
moradora do
Cruzeiro Velho

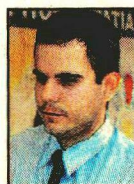
"Acho a ideia ótima. Quando você dá esmola, não se sabe o que vão fazer com o dinheiro. Melhor dar uma casa, porque quem recebe terá responsabilidade. Eu não gosto de dar esmola, só comida."



Paulo Humberto Fernandes,
69 anos,
cirurgião
dentista,
morador

da Asa Norte

"Acho que a campanha contra a esmola é uma boa ideia porque é mais importante dar escola, oportunidade de emprego. Dar dinheiro não é a solução."



Flávio Couto,
25 anos,
atendente,
morador do Guará

"É uma campanha polêmica. Confesso

que dou esmola, às vezes. Depende muito da idade de quem pede. Às vezes, dá dó. Procuro não dar, mas o lado sentimental fala mais alto. Não vou deixar morrer, também. Tem gente que não precisa, mas não é assim com todo mundo."



Karla Tauril,
37 anos,
fisioterapeuta,
moradora do Lago Norte

"É uma questão

bem complexa, não é de fácil resolução. Essas pessoas têm que ter um destino, elas não estão na rua porque querem. Falta uma política que ofereça emprego, ou uma forma para eles retornarem para suas cidades."



Ana Cláudia Santana Almeida,
48 anos,
administradora,
moradora da
Asa Sul

"Eu não dou esmola, pois propicia a pessoa a ficar em condição sub-humana. Acho que as pessoas contra a campanha não estão de acordo com a realidade. Dão esmola para ficar com a consciência tranquila, mas isso não ajuda."